

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Casas grandes e cidades: Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda e a interpretação do Brasil

Renato Gross¹

Resumo: Desde os tempos coloniais são muitos os livros e os autores que, com suas idéias, procuraram mostrar, ler e interpretar o Brasil. Entre eles, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, que procuraram mostrar o Brasil, seus homens, seus cenários, suas lutas, suas formas de opressão (da natureza e de outros homens). Este trabalho, de natureza monográfica, objetiva uma análise histórico-crítica destes autores em dois de seus trabalhos capitais: Casa Grande e Senzala (1933) e Raízes do Brasil (1936). Ambos da década de trinta, inserem-se na categoria de "intérpretes do Brasil" e são inovadores na abordagem: o primeiro faz uma análise histórico estrutural do cotidiano do brasileiro e Holanda apresenta uma visão moderna e democrática. Qual a mensagem que ambos remetem para a geração atual de leitores? É esta a resposta que este texto analisa.

Palavras chave: interpretes do Brasil; década de 30; políticas públicas.

Abstract: Since the colonial time are many the books and authors whom, with its ideas, had looked to show, to read and to interpret Brazil. Gilberto Freyre, and Sergio Buarque de Holanda. They had looked for to show Brazil, its men, its scenes, its fights, its forms of oppression (of the nature and other men). This work, of monographic nature, objective an critical analyzes description of these authors: in two of its capital works: Casa grande e senzala (1933) and Raízes do Brasil (1936). Both of the decade of thirty, are inserted in the category of "Brazil interpreters" and are innovative in the boarding: the first one makes a structural historical analysis of the daily life of the Brazilian and Holanda presents a modern and democratic vision. Which is the message that both send for the current generation of readers? This is the reply that this text searches to analyze.

Keywords: Brazil interpreters; decade of 30; public policies.

Introdução

A década de 1930 no Brasil, e mais especificamente a assim chamada "era-Vargas", foi um período intelectualmente bastante fecundo. A gestão de Gustavo Capanema no Ministério de Educação e Saúde Pública (1934-1945) e a atuação direta sobre a sociedade brasileira via políticas educacionais e culturais implantadas, deixaram um legado que merece um olhar atual, sob a ótica da construção dos "mitos fundadores" da nacionalidade e dos

¹ Professor Adjunto da FCHLA da Universidade Tuiuti do Paraná.

intelectuais, brasileiros ou não, que procuravam em livros-síntese fazer uma interpretação do país. Pela vez primeira, a lente para a leitura de nossa realidade não era apenas histórico-geográfica, mas etnológica, antropológica e sociológica, e em casos bem precisos, sob um referencial marxista. Saía-se do terreno do narrativo e descritivo, geralmente ufanista, para aquele da síntese-crítica, da reflexão sobre a própria história, da análise estrutural, unindo categorias abstratas com interpretações concretas.

Como exemplos podem-se citar três livros e autores que, na expressão de Cardoso (1993:21) “inventaram o Brasil”:

Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre, cuja primeira edição é de 1933;

Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, de 1936; e

Formação do Brasil contemporâneo, de Caio Prado Jr., de 1942.

Weffort afirma que estes três livros e estes autores “foram (os) formadores de nossa intelectualidade durante o século XX”, e que “grande parte do pensamento social e político da segunda metade do século XX, a começar pelos pensadores reunidos em torno do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), é devedor da influência desses autores e, em particular, dessas obras” (2006:9) Das citações acima, infere-se que para narrar a história das idéias no Brasil, é indispensável recorrer-se aos três.

Lafetá (2004:67) acrescenta que, “é fato que a década de 1930 deu-nos algumas das obras mais realizadas e alguns dos escritores mais importantes da literatura brasileira”, e cita, além dos três já acima nominados, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Cyro dos Anjos, Mário de Andrade. Naturalmente que esta lista extrapola a categoria dos “intérpretes do Brasil”, e abrange poetas, romancistas, literatos, cujas obras de estréia são dos anos 30.

Deve-se mencionar ainda, nestas considerações iniciais, que o estudo sobre as raízes do nosso país pode remontar à José Bonifácio, e antes deste, ao Pe. Antônio Vieira. Mas, é nos já referidos decênios de 30 e também de 40 que surgem os grandes “ensaístas do Brasil”, os quais “introduziram no pensamento brasileiro a singularidade de buscar caminhos de interpretação global da história e da sociedade brasileiras. Em vez da orientação diante de grandes eventos, buscavam a compreensão histórica de toda a sociedade.” (WEFFORT, 2006: 277)

A grande efervescência do período aqui estudado, manifestou-se também em outras áreas da cultura, além dos ensaios e da literatura, já mencionados. Na música despontaram os nomes do maestro Heitor Villa-Lobos, Guiomar Novaes, Pixinguinha, Donga, Ari Barroso, Carmem Miranda, Noel Rosa, Lamartine Babo, e Nelson Rodrigues no teatro.

Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Burle Marx na arquitetura e paisagismo. Cândido Portinari e Emiliano Di Cavalcanti nas artes plásticas. Enfim, tantos e tão fecundos homens de letras e artes, que as mudanças culturais eliciaram um movimento renovados e de modernização do Estado e da sociedade brasileira. E toda esta circulação de personagens e de idéias tinham como pano de fundo a gestão de Capanema à frente dos negócios da Educação e da Saúde Pública na era Vargas. Os enfrentamentos políticos e ideológicos, as expectativas de país e de futuro (cf. DELUCCA, 2000) deixam evidente a complexidade do período e do seu legado.

2. Casas Grandes e Sobrados

O pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987), nas suas duas obras capitais, saídas respectivamente em 1933 (*Casa Grande e Senzala*) e 1936 (*Sobrados e Mucambos*), indica em ambos os títulos, a oposição entre pares-cenários. Nas casas grandes a arquitetura colonial remetia ao equilíbrio e à paz harmônica dos conventos, onde a vida e a abundância auto suficiente do meio rural (canaviais e cafezais) refletiam as acepções de harmonia e continuidade do Brasil Colônia. Por outro lado, a arquitetura dos sobrados com suas varandas abertas e portas envidraçadas indica o Brasil urbano e o início da aburguezação europeizada. Temos assim,

De um lado, a Casa Grande da fazenda, de outro o Sobrado urbano; na colônia reinaria o escravo, no Império o mulato; em um extremo, o Oriente, no outro, o Ocidente; lá a casa, aqui a rua. Na verdade poderíamos citar uma série de dicotomias que, em seu conjunto, sinalizam a inauguração de um novo momento: o período conflituoso de Sobrados e Mucambos. (SCHWARCZ, 2007:D11)

Freyre analisa que a passagem do rural para o urbano, do fazendeiro para o burguês, e que assinala a passagem do tempo, além de um novo tipo e modelo de configuração política, econômica e social, pode ser “percebida e estudada através das modificações sofridas pela arquitetura e pelas formas de sociabilidade doméstica da cultura brasileira” (ARAÚJO,1994:105) E esta transição é assinalada também por mudanças, conflitos, desequilíbrios, acomodações contraditórias, que, longe de serem problemas e empecilhos, revelam toda uma riqueza de “antagonismos equilibrados”. Destaca também “o papel desempenhado pela *autarquia* das casas-grandes, que serviam ao mesmo tempo de “fortaleza, capela, escola, oficina, santa-casa, harém, convento de moças, hospedaria [e até de] banco.” (Ibid:85)

O patriarcalismo colonial das casas-grandes deixa evidente que o fator colonizador por excelência é a família e não o Estado, especialmente no caso do catolicismo patriarcal, altamente sincrético, o que pode ser percebido também, nos sobrados. Em ambos os livros,

... é a “casa” como categoria sociocultural, agência de sentimentos e instituição econômica, que serve como de ponto de partida analítico. Só que em Casa-grande & senzala há um ordenamento de maior impacto, pois nele Gilberto segue uma linha histórica familiar e estuda o Brasil por meio de suas “raças formadoras”, usando como guia o que chamei de “fábula das três raças”: o português, o índio e o negro; ao passo que em Sobrados e mucambos, as categorias que estruturam o texto são dualidades e triades singularmente culturais, irredutíveis ao plano biológico ou geográfico, como o “engenho e a praça, a casa e a rua”; “o pai e o filho”; “o homem e a mulher”; “o sobrado e o mucambo”, “raça, classe e região”, “o oriente e o ocidente”, “animal, escravo e máquina”. (DA MATTA, 2006:17)

Há que se destacar ainda que os nomes escolhidos para ambas as obras – *Casa Grande e Senzala*, e *Sobrados e Mucambos*, está a indicar a inseparabilidade entre os dois pares de edificações. “A casa grande é inseparável da senzala”, indica Cardoso (1993:24) E o sobrado também não pode prescindir do mucambo. Em ambos os casos, as moradias dos senhores e dos escravos indicam “que a sociedade patriarcal estava fundada num tipo de exploração econômica que supunha, evidentemente, a grande propriedade, o latifúndio. Mostra, enfim, que a fidalguia da casa grande coexistia com a massa de escravos.” (Ibid.:24) Comparando: “As casas de engenho e de sítio dando a frente para estradas quase intransitáveis (...) os sobrados, para as ruas sujas, ladeiras imundas, por onde quase só passavam a pé negros de ganho, moleques empinando papagaios, mulheres públicas”. (FREYRE, 1936:159)

E ele arremata:

(...) muita comunicação houve entre casas-grandes e senzalas, entre sobrados e mucambos e não apenas separação e diferenciação. Síntese e não apenas análise. Complementação afetiva e não apenas diversificação economicamente antagônica. Nem se explicaria de outro modo o relevo que vêm tomando, entre nós, manifestações híbridas não só de cultura como de físico. (FREYRE, 2006:55)

Após estas reflexões, as quais nos limites estreitos desta comunicação, assumiram um caráter menos crítico do que se pretendia, com recortes resultantes de escolhas altamente pessoais, passa-se para o segundo autor e a segunda obra indicados já no seu título geral.

3. As cidades em Raízes do Brasil

A busca de interpretações do Brasil encontrou no paulista Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), em seu *Raízes do Brasil* (1936), um de seus personagens mais emblemáticos. A agenda social dos anos 30 compunha-se de dois temas: a questão rural e o problema da tradição. Contrapondo-se a Gilberto Freyre, que adotou um modelo racial de análise, Holanda opta por uma

metodologia dos opostos, focalizando “pares que se interpenetram e modificam, de modo a chegar a um retrato constantemente alterado. Rural e urbano; trabalho e aventura; método e capricho; norma impessoal e impulso afetivo; o trabalhador espanhol e o semeador português... aí estariam alguns pares opostos, a iluminar a história deste país.” (SCHWARCZ, 2006 D1)

E Antônio Cândido lembra que

No pensamento latino-americano, a reflexão sobre a realidade social foi marcada, desde Sarmiento, pelo senso dos contrastes e mesmo dos contrários – apresentados como condições antagônicas em função das quais se ordena a história dos homens e das instituições. ‘Civilização e barbárie’ formam o arcabouço do Facundo e, decênios mais tarde, também Os sertões. (CÂNDIDO, 2006:239)

Os conceitos polares, utilizando a metodologia dos contrários, são magistralmente utilizados no capítulo 4, que na sexta ou sétima edição, (cf. CARDOSO, 1993:27), recebeu o título de “O ladrilhador e o semeador”. Nele são comparadas as formas espanhola e portuguesa de criar cidades. Os espanhóis criam cidades com planos traçados previamente, muitas vezes vindos da Espanha. São assim descritas:

Já à primeira vista, o próprio traçado dos centros urbanos na América espanhola denunciava o esforço determinado de vencer e retificar a fantasia caprichosa da paisagem agreste: é um ato definido da vontade humana. As ruas não se deixam modelar pela sinuosidade e pelas asperezas do solo; impõe-lhes antes o acento voluntário da linha reta. O plano regular não nasce, aqui, nem ao menos de uma idéia religiosa, (...) foi simplesmente um triunfo da aspiração de ordenar e dominar o mundo conquistado. O traço retilíneo, em que se exprime a direção da vontade a um fim previsto e eleito manifesta bem essa deliberação. (HOLANDA, 2006:98-99)

Surgem assim, na América hispânica, cidades geométricas, praças grandes, retas, e dela saem ruas paralelas e retas também. A geografia é como que “dominada pelo planejador que a executa (CARDOSO:1993:27). Ao escolher o sítio no qual a cidade seria assentada, muitos fatores são considerados, como a claridade do céu, ar puro e suave, ausência de coisas (sic) peçonhentas e nocivas, presença abundante de homens velhos e moços saudáveis, de acesso fácil, de altitude mediana, presença de frutos e demais

mantimentos são, além de especificidades nos casos de localização em beiras de rio e em região marinha.

No Brasil, o contrário. “Os portugueses como que se espreguiçavam na geografia. A cidade portuguesa é desorganizada, é a cidade que sobe e desce em ziguezague”. (Ibid:27). Ausência total de planejamento. Prefere-se a colonização litorânea e criam-se obstáculos de toda ordem para impedir o acesso aos sertões, ao interior, cuja conquista só terá início em 1554, com a fundação, pelos jesuítas, do Colégio de São Paulo, no planalto de Piratininga.

Holanda descreve assim nossas cidades coloniais:

A cidade que os portugueses construíram na América, não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma providência, sempre este significativo abandono, que exprime a palavra “desleixo” – palavra que o escritor Aubrey Bell considerou tão tipicamente portuguesa, como “saudade” e que, no seu entender, implica menos falta de energia do que uma íntima convicção de que “não vale a pena...”. (HOLANDA, 2006:115)

E ilustra com um exemplo notável: “na própria Bahia, o maior centro urbano da colônia, um viajante do princípio do século XVIII notava que as casas se achavam dispostas segundo o capricho dos moradores. Tudo ali era irregular...” (Ibid:114).

4. Considerações finais:

Os dois autores aqui estudados, Freyre e Buarque de Holanda, privilegiando categorias distintas em nossa análise, moradias e cidades, são representantes daquilo que na República de Vargas se constituiu como uma privilegiada forma literária, ou seja, o ensaio de interpretação do Brasil, que tão forte presença veio ter na nossa cultura. Como afirma Weffort (2006:252-253):

Mais do que por sua produção intelectual posterior, foi por esses livros que eles se converteram, por assim dizer, em pensadores canônicos da etapa inicial da conversão de país agrário em país industrial. Em meio às polêmicas intelectuais de um período crítico da história, eles deram a reconhecer aspectos novos da identidade do povo brasileiro.

Para a época em que escreveram, foram inovadores e procuraram mostrar ao país a sua fisionomia isenta de retoques. E, mencionando especificamente Buarque de Holanda (mas com aplicação também a Freyre), Cândido ressalta que seu livro “funcionou como enquadramento, moldura interpretativa bastante ligada às visões genéricas para pôr os dados

no lugar e interpretar o seu significado”. (2004:247). E é daí que vem a perenidade de suas interpretações, fazendo com que ambos os autores continuem sempre, e cada vez mais, atuais.

Referências

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freire nos anos 30*. São Paulo: Editora 34, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. Sérgio em Berlim e depois. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo, Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004. p. 241-251.

CÂNDIDO, Antônio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Edição comemorativa 70 anos)

CARDOSO, Fernando Henrique. Livros que inventaram o Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n.37 p.21-35, nov. 1993.

DA MATTA, Roberto. O Brasil como morada: apresentação para Sobrados e mucambos. In FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Global, 2006. (Edição comemorativa 70 anos)

DE LUCCA, Tânia Regina. Nos tempos de reforma educacional de Capanema. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 02 jul.2000. Caderno 2 Cultura, p. D4.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Edição comemorativa 70 anos)

LAFETÁ, João Luis. *A dimensão da noite*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2004.

SCHWARCZ, Lídia Moritz. Nossas raízes profundas. *O Estado de São Paulo*: São Paulo, 22 out. 2006. Caderno 2 Cultura, p. D1.

_____. Sobrados e mucambos: obra para ser lida comendo pipocas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 fev.2007. Caderno 2 Cultura, p. D11.

WEFFORT, Francisco C.. *Formação do pensamento político brasileiro: idéias e personagens*. São Paulo: Ática 2006.